

CORPO DE DELITO

Ecrã mágico

Perto do fim, quando o espectador já está pedrado de todo, entram os Jogos Olímpicos



Rui Patrício

A imprudência paga-se cara, mais tarde ou mais cedo. Estou hoje a pagar, ressacando, a imprudência de ontem. À hora dos jornais televisivos da noite, carreguei no botão do comando, pus-me a ver um dos canais e não mais afastei olhos e ouvidos, fiquei ali pregado. Agora, de manhã, os sentidos pedem-me mais, mas ainda falta bastante para o jornal da uma, e não é a mesma coisa. À noite, durante hora e meia, é que é. Hora e meia! Como é possível que um país pequenino, de mais a mais na modorra do Verão, produza jornais televisivos de hora e meia, e em vários canais?! Só podia dar nisto: entretenimento, alienação, uma "trip" a um alucinogénio mundo de Oz.

A coisa começa com incêndios, o que é notícia, mas 15 ou 20 minutos talvez

seja demais, com apontamentos lancinantes sobre o sofrimento pessoal deste e daquele, ou o tartamudear dos repórteres a dizer sempre a mesma coisa, com as chamadas em pano de fundo. Depois, para pontuar, fica bem um interlúdio catastrofista, em jeito de matinée para adolescentes, do tipo: este é o Verão mais quente dos últimos 13 anos, ou não chovia assim no Verão há 22 anos e meio, ou não se via este vento há 2h45m. O termo de comparação pode ser qualquer um e a medida temporal é à vontade do freguês; o que importa é que o que se relata seja "o mais de qualquer coisa", para não se perder o efeito dramático. Lá mais para o fim do Verão, quando não houver mesmo nada para relatar, ainda veremos dez minutos de reportagem em redor do seguinte tema candente: este foi o maior espirito do Sr. Silva nos últimos 25 segundos. De seguida, há intervalo para publicidade. Longo, longo. Depois entramos na segunda parte, mais intelectual.

Começa, claro está, com uma reportagem de tribunal, que termina, como sucede frequentemente, com o repórter a anunciar que o suspeito ficou sujeito a termo de identidade e residência

(TIR). Desta vez, o tom do anúncio foi um dos dois que costumam ser utilizados, ou seja, o tom de desapontamento, querendo dizer que o suspeito não só não foi logo julgado e atirado para as galés, como ainda por cima só ficou sujeito a TIR. O tom alternativo é um tom grave, de sentido oposto, em que o repórter proclama, com ar pesado ou trágico, que o arguido ficou sujeito a TIR, qual grilheta infamante. O que nunca vi foi um repórter a explicar o que é isso do termo de identidade e residência, o que também se percebe, porque estragava o efeito lúdico (indignado ou trágico) das notícias futuras. Depois disto, o jornal prossegue com apontamentos mais ligeiros, mas de interesse público, do tipo: como era a praia X há 20 anos; a D. Amélia que tem um cão que diz bom dia; o Zeca futebolista que se divorciou, mas afinal não divorciou, da Lulu atriz; etcétera. Perto do fim, quando o espectador já está pedrado de todo, entram os Jogos Olímpicos, e mesmo a terminar aparecem dois ou três apontamentos de pouco interesse, só para encher, como por exemplo a crise do euro ou a guerra na Síria.

Advogado, escreve ao sábado



Jogos Olímpicos para rematar telejornais de longa duração

PATRICK B. KRAEMER/PA